Quase oito anos depois de ter chegado a Portugal, o avançado baiano volta ao Brasil com um rasto de recordes

Quando Liedson renovou pelos leões até Junho de 2013, todos pensaram que o avançado estava a assumir que iria acabar a carreira no Sporting. Era um pensamento válido: estávamos em Junho de 2009 e o baiano tinha terminado a época com 25 golos, a segunda melhor marca em Alvalade. Já não era apenas aquele avançado brasileiro, de baixa estatura, que tanta apreensão tinha gerado na época pós-Jardel. O Super Mário tinha deixado o Sporting órfão de um verdadeiro goleador e Lourenço, Silva e Niculae não davam garantias suficientes a Fernando Santos.

A estreia não foi positiva (jogou os últimos 39 minutos na derrota nas Antas frente ao FC Porto por 1-4), mas logo no primeiro jogo internacional, frente ao Malmoe, fez o gosto ao pé. Foi o primeiro de muitos ao serviço do Sporting até se tornar não só um dos melhores marcadores de sempre da história do Sporting (sexto com 171 golos, atrás de Peyroteo, Manuel Fernandes, Manuel Vasques, Manuel Soeiro e Rui Jordão, este com 187), mas também o melhor estrangeiro de sempre: à frente do argentino Yazalde (126 golos em quatro épocas).

A história de Liedson com os adeptos foi praticamente a história de um amor à primeira vista. Os adeptos queriam golos e vitórias, Liedson dava-lhes golos e vitórias. Por muito difícil que um jogo parecesse, o baiano, que entretanto começara a ser apelidado de Levezinho, decidia com golos decisivos. Enquanto Liedson estivesse em campo, havia esperança. E os golos eram tantos (19 na época de estreia com Fernando Santos), que os adeptos criaram a famosa tarja "Liedson resolve". E resolvia mesmo. No entanto, tudo ganhou uma maior dimensão com José Peseiro em 2004/2005. Ultrapassado o período de adaptação, que para ele foi apenas 52 minutos, o brasileiro começou a época do início e com um lugar garantido no ataque do Sporting.

O estilo de Peseiro salientou ainda mais a capacidade goleadora de Liedson. Com uma vantagem adicional, que fazia a delícia dos adeptos: os golos ao Benfica. Mas, antes disso, os problemas disciplinares. Liedson teve problemas nos primeiros anos para regressar a Portugal após o Natal e nesse ano especulou-se que terá visto o quinto amarelo para falhar a partida com o Benfica, o primeiro jogo de 2005. Os dirigentes leoninos fizeram tudo para poder contar com o avançado e anteciparam o encontro com o Pampilhosa para que Liedson pudesse jogar. Resultado? Liedson voltou a tempo do jogo e marcou os dois golos na vitória frente ao rival por 2-1. O Levezinho resolvia mesmo e a partir daí começou a ser visto como um pesadelo para o Benfica, para Luisão, para Ronald Koeman e para todos os benfiquistas.

Com Paulo Bento, os sinais de indisciplina continuaram. Os regressos tardios e as discussões com o treinador durante os treinos por não poder usar calças obrigaram-no a falhar alguns jogos até ficar novamente na linha. E quando estava, o Sporting agradecia. Golos, golos e mais golos ajudaram a equipa na era Paulo Bento a disfarçar algumas das dificuldades que o clube atravessava. A admiração por Liedson espalhou-se pelos restantes adeptos e a naturalização, e consequente chamada de Queiroz à selecção, foi uma consequência óbvia. Marcou na estreia frente à Dinamarca e fez o gosto ao pé no Mundial contra a Coreia do Norte, mas já não era o mesmo Liedson que os adeptos ainda guardavam na memória.

Esta época foi o princípio do fim. Apesar dos oito golos (só três no campeonato), Liedson está irreconhecível e já nem os confrontos com o Benfica o parecem motivar. Aos 33 anos, e numa altura em que o Sporting parece preparar-se para mais uma mudança de era, os 2 milhões oferecidos pelo Corinthians foram suficientes para o Sporting confirmar ontem o acordo à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM). Agora, como sempre, Liedson também resolveu. Deixar o Sporting e regressar ao Corinthians.

In ionline.pt